

## O SILENCIAMENTO (DO) POLÍTICO DE JULIAN ASSANGE NA MÍDIA NACIONAL

---

*Julian Assange's political silence(ing) in the Brazilian media*

DOI: 10.14393/LL63-v36n1-2020-5

Carlos Eduardo de Freitas Barbosa\*

Thiago César da Costa Carneiro\*\*

---

RESUMO: Após sete anos em asilo político na embaixada do Equador, em Londres, Julian Assange – fundador do *WikiLeaks* – foi preso no dia 11 de abril de 2019. Acusado como criminoso desde 2010, o ativista estamparia mais uma vez os jornais de todo o mundo. Dessa forma, propomos uma análise discursiva das matérias referentes ao dia de sua prisão no meio jornalístico nacional, explorando questões como o silenciamento e as formações imaginárias acerca da figura de Assange. O que percebemos é o silenciamento (do) político no discurso midiático, (re)configurando a imagem do capital e do político. Para tanto, usamos da Análise do Discurso pecheuxtiana, na qual o discurso é entendido como “efeito de sentido entre interlocutores” (PÊCHEUX, 2014). Mobilizamos, ainda, as noções de silenciamento (ORLANDI, 2007), formações imaginárias (PÊCHEUX, 2014) e a representação do político (CORTEN, 1999; CAZARIN, 2004), buscando compreender o espaço virtual e o capital como reguladores de sentidos.

PALAVRAS-CHAVE: Político. Discurso. Mídia. Imaginário. Silêncio.

ABSTRACT: After seven years in political asylum at the Ecuadorian embassy in London, Julian Assange – founder of *WikiLeaks* – was arrested on April 11th, 2019. Charged as a criminal since 2010, the activist once again made the headlines in newspapers worldwide. We propose a discourse analysis of the Brazilian news referring to the day of his arrest and explore issues such as silence and imagination surrounding Assange's figure. We notice a political silence(ing) in the media discourse, (re)establishing the image of the capital and politics. We use Pecheuxtian Discourse Analysis, which understands discourse as “meaning effect” between speakers (PÊCHEUX, 2014). We also use the notions of silencing (ORLANDI, 2007), imaginary formations (PÊCHEUX, 2014), and political representation (CORTEN, 1999; CAZARIN, 2004), seeking to understand the virtual space and the capital as regulators of meanings.

KEYWORDS: Political. Discourse. Media. Imaginary. Silence.

---

\* Estudante da pós-graduação em Letras (Mestrado), Universidade Federal de Pernambuco. ORCID: 0000-0002-0728-8073. E-mail: carlos\_cadueduardo(AT)hotmail.com.

\*\* Estudante de graduação em Letras – Português (Licenciatura), Universidade Federal de Pernambuco, ORCID: 0000-0001-9631-3981. E-mail: thiagocosta600(AT)gmail.com.

## 1 Introdução

Durante nove anos, o ativista, jornalista e programador Julian Assange se manteve exilado do mundo por meio de asilo político concedido pelo governo do Equador, sendo ameaçado de ser extraditado para o Estados Unidos. Agora, nove anos depois do início de sua perseguição por divulgar diversos documentos secretos, Assange foi preso, dando início a mais um capítulo da sua jornada pelo direito à liberdade de informação.

O lançamento do seu site, o *WikiLeaks*, se dá por volta de 2006, quando Assange – junto a um grupo de ativistas que partilhavam de uma mesma visão – cria métodos para receber e compartilhar na rede materiais confidenciais sem que o informante seja exposto, cuidando assim para garantir total sigilo dos informantes em qualquer território. Aliado a outras pessoas, Assange buscou criar um ambiente seguro para a liberdade de informação que é retida como secreta pelos governos mundiais. Visando tornar possível tal realidade, o ativista assumiu uma vida nômade, sempre em movimento e administrando seu site em lugares temporários. Mesmo sendo criado em 2006, o primeiro grande escândalo do *WikiLeaks* aconteceria alguns anos após, em 2010, em que foram divulgados documentos secretos do governo americano, entre eles, um vídeo que mostrava um helicóptero atacando civis no Iraque.

Defendendo a exposição de tal material, o ativista – juntamente com seu site – ainda divulgou cerca de cinco milhões de *e-mails* confidenciais da empresa *Stratfor*, o que o tornou um alvo político dos Estados Unidos por criar uma ferramenta de compartilhamento global de informações que são escondidas da esfera pública. Tais ações não foram bem vistas pelo governo americano, o qual começou uma cruzada difamatória contra Assange – que, além de precisar estar sempre fugindo, também passava por problemas financeiros, visto que as doações que recebera foram bloqueadas –, dando início a investidas do governo contra seu *site*, que começou a processá-lo secretamente.

Sem muitas opções e com a possibilidade de ser apreendido EUA, o ativista recorreu ao governo do Equador, sendo ajudado pelo presidente da época Rafael Correa, assim, sendo acolhido sob asilo na embaixada equatorial em Londres, no ano de 2012. Tendo conseguido a cidadania equatoriana no final de 2017 – a qual seria revogada no dia antes de sua prisão –, Assange viu sua segurança chegar ao fim quando policiais britânicos entraram na embaixada para realizar sua prisão, em 11 de abril deste ano.

Ganhando mais uma vez os jornais do mundo, o programador se tornou notícia em todos os âmbitos – jornalísticos ou não – dando vasão à sua prisão e aos seus crimes cometidos. Pensando na imensa exposição causada com sua prisão, decidimos investigar como tais aspectos que envolvem sua história têm sido retratados na mídia. Para tanto, decidimos trabalhar com o discurso veiculado na/pela mídia nacional, o qual apontaria um silenciamento do político na figura de Assange, criando assim uma imagem outra que não a de um ativista que luta pela liberdade de informação.

Com base na teoria do discurso proposta por Pêcheux, buscamos analisar o que acreditamos se configurar como um silenciamento político presente no discurso da mídia nacional sobre a prisão de Assange, mobilizando assim, conceitos acerca do silêncio (ORLANDI, 2007) e o político (CORTEN, 1999; CAZARIN, 2004). O que pretendemos neste artigo é explorar o discurso midiático/jornalístico e observar como é retratada a questão do político no caso de Julian Assange. Para tal, estabelecemos tais questões de pesquisa: i) Como Julian Assange é retratado na mídia? ii) Como o político se materializa ou é silenciado nas matérias? iii) Esse político sofre silenciamento no discurso veiculado pela/na mídia? No que se refere ao nosso *corpus*, optamos por abordar dois jornais: a Folha de São Paulo *Online* e o correspondente nacional do jornal *El País* – jornais com expressiva circulação e importância no meio jornalístico – nos quais recortamos para o momento de sua prisão. Assim, buscamos comparar como os diferentes jornais retratam uma mesma figura, buscando, assim, verificar se existe, de fato, um silenciamento (do) político – e como este ocorre, ou não – nos discursos que figuram os jornais aqui analisados.

## 2 Pressupostos Teóricos

No limiar da teorização do discurso, Pêcheux (2014), produziu deslocamentos de teorias da linguística, como a comunicação de Jakobson, o signo saussuriano, assim, se utilizando das teorias do materialismo histórico-dialético althusseriano e a psicanálise lacaniana, o autor propõe que o discurso é efeito de sentido entre interlocutores A e B numa determinada estrutura social. Ao partir desses interlocutores, afirma que fazem imagens de si e do outro num esquema de representação, o que podemos admitir, nos termos de Pêcheux, como

formações imaginárias, as quais são realizadas a começar de uma representação a partir da/na língua de posições sociais em que os sujeitos do discurso estão inscritos.

Partindo do ponto de vista aqui defendido e focalizando na discussão estabelecida, é importante salientar que o silêncio faz parte do processo de significação, produção de efeitos de sentido na língua. Em Orlandi (2007), encontramos a concepção de política do silêncio<sup>1</sup>, a qual se divide em constitutivo e local. Sobre o primeiro conceito, a autora esboça a ideia de que o silêncio constitutivo é próprio da língua, “um não dito necessariamente excluído”; já acerca do segundo, afirma-se que este é um silêncio que interdita, que se impõe no ato enunciativo, “não dizendo ‘outros’ sentidos” (ORLANDI, 2007, p. 53). Tal movimento de interdição é notado, a priori, nas matérias designadas à análise, posto que o silenciamento em Assange materializa-se, sobretudo, na imagem construída apenas como fundador de um site.

Além disso, de acordo com Orlandi (2007), o sujeito, ao silenciar, exerce controle e disciplina fazendo com que o silêncio fale, ou, melhor dizendo, signifique. Assim, o silêncio resiste às pressões controladoras pela “urgência da linguagem” (*ibidem*, p. 37) e significa de formas diversas. Ainda para a analista de discurso, o silêncio possui um aspecto cultural e, igualmente, determinações políticas e históricas que se inscrevem em conjunto. Entretanto, considerando a opacidade da linguagem, que é constitutiva, e o próprio silêncio, Heidegger (1969 *apud* ORLANDI, 2007, p. 46) afirma que o silêncio se mostra fugazmente pelas fissuras, rupturas, falhas.

Nesse sentido, para compreender o funcionamento do silêncio no discurso, elucidamos o que Mariani (1996) elabora acerca do o discurso jornalístico se constituir enquanto um *discurso sobre*, um falar *sobre* algo. Desse modo, a (re)produção de sentidos se dá por um jogo entre os atravessamentos ideológicos dos sujeitos jornalistas, dos portais jornalísticos e dos sujeitos leitores. Contudo, por ser um mecanismo de controle social, o discurso jornalístico também é utilizado como forma de promoção e/ou silenciamento de grupos e/ou partidos políticos a fim de que se tenha visibilidade – mesmo que o sujeito jornalista se ponha num

---

<sup>1</sup> Além dessa noção, a autora discute a respeito da diferença entre a política do silêncio e o silêncio fundador, o qual é definido como “aquele que existe nas palavras, que significa o não-dito e que dá espaço de recuo significante” (ORLANDI, 2007, p. 24)

movimento de distanciamento e tentado à direção da imparcialidade (MARIANI, 1996, p. 63-64).

Avaliando, pois, o seu funcionamento é cabível afirmar que, na esfera jornalística, assim como defendido por Grigoletto e Nardi (2018) acerca da entrevista, são (re)criadas imagens dos interlocutores do discurso, as quais apontam a posição em que o portal e/ou o sujeito jornalista se inscreve. Nessa concepção, no jornal e nas matérias, a imagem criada, ou silenciada, significará à medida em que representa um sujeito político. Em concordância ao defendido pelas autoras, elencamos a noção do político – entendido como cena política – observada em Corten (1999) em que o autor trata do político como uma representação:

Esse recorte, em nosso horizonte, é o produto de processos de circulação discursiva. Por uma cena de representação, não se deve, portanto, compreender uma cena que refletisse outra coisa. É o discurso em sua circulação que constrói a montagem e delimita o fechamento da cena. Essa cena apresenta uma ficção [...] essa ficção é o político ou a representação do político. (CORTEN, 1999, p. 37)

Essa representação cria uma cena na qual as forças políticas se confrontam e, segundo o autor, a representação do político se dá através da sua construção pelo discurso, e a cena seria o local no qual os elementos que perpassam uma sociedade são vistos como as “forças/forças políticas”. Dessa forma, o político é o destaque dessas forças e como são percebidas. Sendo criada pelo discurso em circulação, a cena é delimitada e fechada pelo discurso, uma vez que, ao montar uma cena, o representado se dá como uma ficção, a qual é tida como o político ou a representação dele. Em outras palavras, o discurso é quem faz circular as forças sociais que podem ser entendidas como políticas, visto que nem todo discurso é político por natureza, mas pode assumir tal caráter político, criando assim, uma cena que funciona como representação do confronto das forças políticas.

Ainda em se tratando da política em discurso, Grigoletto e Nardi (2015) introduzem a noção de (des)politização como “um dos efeitos de esquecimento da política” (GRIGOLETTO; NARDI, 2015, p. 4). Embora a leitura realizada pelas autoras se assente sob materialidades que recobrem como heróis os sujeitos no discurso – Mujica, Joaquim Barbosa, etc. –, produzimos, neste artigo, um deslocamento para entender a (des)politização pelo viés do capital na figura do ativista. Alinhando-nos ao que as autoras propõem, é preciso entender “o que ecoa nesses

discursos [...] são os efeitos do funcionamento da ideologia dominante do Capitalismo, especialmente no que tange ao recobrimento do lugar social que esses sujeitos ocupam em favor de uma individualização da sua existência no mundo” (GRIGOLETTO; NARDI, 2015, p. 3), pois, no trato da mídia como reguladora e produtora de discursos, a figura ativista é relegada a segundo plano tendo em vista às imagens criadas pela tomada dos adjetivos “*hacker*”, “fundador”, pela via da naturalização desses papéis frente a uma cena de política de embate.

Compreendendo o funcionamento do capital nas formulações discursivas dos portais jornalísticos, os quais se inscrevem num recorte da Ideologia, é preciso entender que, derivada das Formações Ideológicas, a Formação Discursiva, para Pêcheux (1995), determina aquilo que pode e deve ser dito no interior de uma determinada formação social. Dessa maneira, compreendendo o caráter poroso e de classe das FDs, conforme apresentado por Indursky (2008), na análise de discurso, as condições de produção são fundantes para a determinação da/na FD, funcionando como um recorte do interdiscurso, saindo do *non-sense*, produzindo assujeitamento ao sujeito que se inscreve.

### 3 Metodologia

Para a realização desta pesquisa, fora necessário criar um arquivo em que foram selecionadas as matérias de jornal, constituindo, de início, o *corpus* empírico deste artigo. Num segundo gesto de leitura, observamos as regularidades no *corpus* e selecionamos as sequências discursivas (doravante SDs) que compõem a sessão analítica que segue o trabalho. Dentre as matérias lidas, o *corpus* discursivo, fragmentado em/por dois jornais, é constituído por matérias veiculadas na Folha de São Paulo e no correspondente nacional do jornal *El País*.

### 4 Resultados

As duas primeiras sequências discursivas, retiradas do jornal Folha de São Paulo, constituem um recorte do nosso arquivo empírico e representam, nos limites de suas formulações e derivações de sentido, o *corpus* discursivo delimitado à análise. Portanto, a partir dessas primeiras SDs e análises, pretendemos explorar, ainda que inicialmente, os objetivos previamente abordados na constituição deste trabalho.

SD1: Fundador do *WikiLeaks*, Julian Assange é preso na embaixada do Equador em Londres. Australiano estava asilado no local desde 2012 e foi detido a pedido dos Estados Unidos.

SD2: Assange e o *WikiLeaks* foram responsáveis por um enorme vazamento de documentos confidenciais do governo dos EUA em 2010.<sup>2</sup>

Na primeira sequência de SDs apresentadas, as quais fazem parte da matéria do jornal Folha de São Paulo, observamos a designação “fundador” para nomear Julian Assange. Esse movimento, de início, sugere a criação de uma imagem ligada ao capital, no sentido de ser um administrador-proprietário do *site*, e não um ativista político por natureza. O jogo imagético-discursivo produzido pelas sequências produz um primeiro efeito do silenciamento de ordem política sobre a identidade construída pelo próprio Assange, visto que pela repetibilidade se chega à institucionalização de um sentido. Portanto, a repetição da palavra<sup>3</sup>, inserida num sintagma também significativa, cria um efeito de verdade sobre a instância capital criada ao ativista.

Na SD1, além da interdição imposta pelo capital, que diz respeito a um silenciamento naturalizado devido ao caráter estático das relações de produção, normatizando a caracterização pelo capital, o que Grigoletto e Nardi (2015) nomeiam como (des)politização, nota-se, pois, a ação da vontade estadunidense em território político pertencente ao Equador. Nesse sentido, a noção de controle, podendo ser deslocada a partir do esquecimento número 2<sup>4</sup>, da ordem da ilusão de controlar os sentidos, sob a ilusão do absoluto controle dos Estados Unidos da América, berço capitalista, a todo e qualquer país, se materializa por um jogo na enunciação da SD, na qual pode-se observar um “pedido” de prisão do Assange pelo EUA e uma realização, marcada pelo verbo “ser” conjugado no presente do indicativo, que sugere o imperialismo estadunidense frente a outras nações.

Sob tal perspectiva, o jornal se inscreve numa formação discursiva (FD) que aceita o monitoramento/controlado estadunidense sobre um território outro, coincidindo com saberes

---

<sup>2</sup> Matéria disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/04/fundador-do-wikileaks-julian-assange-e-preso-na-embaixada-do-equador-em-londres.shtml>

<sup>3</sup> Neste momento analítico, mencionamos a repetição do significante na materialidade devido à sua ocorrência linguística no texto original, ainda sem o recorte proposto para a análise.

<sup>4</sup> Para Pêcheux (1995), o sujeito do discurso, atravessado pela ideologia e afetado pelo inconsciente, acredita que controla os dizeres e os sentidos que produz. A esta formulação, o autor designa a expressão Esquecimento número 2, distinguindo-o do número 1, que é definido pelo esquecimento no nível da formulação.

associados à ideologia dominante, identificando-se com esta ideologia que silencia a cena político-discursiva construída por Assange. Desse modo, o controle (do) político ultrapassa as barreiras territoriais e traduz-se no discurso, ou seja, ao pedir a prisão de um sujeito denunciante de crimes cometidos pelo EUA, deve-se silenciá-lo pelo lugar em que a sociedade poderá imaginá-lo e julgá-lo, a mídia, para que não haja ligação política das denúncias ao que fora realizado pelo EUA.

Na SD2, a construção enunciativa propõe um efeito da contradição. No início da SD, Assange e *WikiLeaks* são discursivizados separadamente, sugerindo um efeito de distanciamento da figura do ativista à do portal político. Todavia, apesar do efeito, o uso do termo “responsáveis” ligado a “vazamento” confere o crime à postura de Assange. Acerca do vazamento ou compartilhamento, empreendemos que, no que diz respeito à *internet*, compartilhar na/pela *internet* significa pelo desejo do sujeito que compartilha em expor informações silenciadas, o que funciona como o ressoar do discurso de Julian Assange. Em se tratando de Assange, filiado a uma FD anti-hegemônica e criadora do equívoco no ritual ideológico, o movimento apresenta funcionamento parecido; contudo, deve-se refletir acerca do que é compartilhado pelo WikiLeaks, qual o funcionamento político dos compartilhamentos de Assange. Compreendemos, desse modo, que o ativista, ao compartilhar no/pelo *site*, materializa saberes que se ligam à denúncia política de atividades políticas, com o intuito de desvelar um fato discursivizado, em geral, pelos meios de controles social hegemônicos. Compartilhar, nessa ótica, alinha-se à disputa por um sentido, de regulá-lo à vontade de ser o sujeito detentor de completude e unicidade. Nas redes, portanto, e nos jornais que nelas estão, compartilhar dirige-se ao controle, natural do sujeito afetado pela interpelação ideológica.

Compreender o funcionamento jornalístico por essa ótica remete ao que Mariani (1996) declarou sobre a não imparcialidade do discurso jornalístico e, dessa maneira, do sujeito jornalista. Embora, ao escrever, o sujeito tente apenas produzir descrição e organização de fatos (ou não) sobre um acontecimento, usos lexicais como “fundador”, “*hacker*” e “cofundador” sugerem efeitos que interditam, nos termos de Orlandi (2007), silenciam a prática política de Assange.

Dando continuidade às SDs selecionadas, temos que, enquanto efeito da contradição, nas sequências acima, afirma-se que o governo equatoriano realizou um pedido ao Reino Unido de que, se deportado, Assange não sofra torturas ou seja morto pelas autoridades locais.

SD3: O presidente do Equador, Lenín Moreno, contou ter pedido ao Reino Unido garantias de que o fundador do *WikiLeaks* não seja deportado para um país onde possa ser alvo de tortura ou de pena de morte.

SD4: A indisposição do governo equatoriano com o fundador do *WikiLeaks* vinha se acentuando nos últimos meses.<sup>5</sup>

Tal pedido, se observado na análise anterior, entra em contradição ao imperialismo estadunidense sob o possível controle de outra nação sob seu território e sua decisão de proteção política. Assumindo que seria apenas fundador da plataforma, com seu tom político silenciado por esse mesmo item lexical, o pedido do presidente do Equador produz um furo no discurso que silencia politicamente o político, nos fazendo questionar “por que seria Assange torturado e/ou morto se seria apenas fundador de um *site*?”. Dessa maneira, vê-se o efeito contraditório do silenciamento sendo rompido por uma mesma sequência discursiva na qual a negação do político, mesmo sendo silenciado, produz furo na ideologia dominante, apresentando-se como resistências às condições de produção. Com a posição do presidente, observa-se a presença na porosidade das formações discursivas contraidentificadas; ao mesmo tempo que admite o controle dos EUA sobre o país que governa, opõe-se, recorrendo a outra nação, ao pedir proteção ao ativista.

Na SD4, questiona-se o mesmo sobre o silenciamento da imagem política de Assange: por que um governo se indisporia a um site sem função política? Qual o limite entre o público (governos) e o privado (*site*)? Essas questões nos levam a admitir que, no domínio virtual, bem como em ambientes não-virtuais de produção discursiva, o político, enquanto manifestação das formações ideológicas, também se materializa como denúncia política em espaço virtual, quebrando algoritmos e esquemas computacionais de proteção documental e estatal. As ligações neuronais produzidas pelos entremeios da *internet*, mesmo sendo regidas pela lógica computacional, matemática e capital de produção, funcionam sob o alinhamento de diferentes

---

<sup>5</sup> Matéria disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/04/fundador-do-wikileaks-julian-assange-e-presos-na-embaixada-do-equador-em-londres.shtml>

posições-sujeito que tentam controlar a *internet*, a lógica computacional e, portanto, o discurso. Assange, inscrito numa posição anti-hegemônica, ao não compactuar com imperialismos e relações de produção em que a classe/ideologia dominante dominaria sem contradições, produz rompimentos tecnológicos e, automaticamente, vira alvo das nações controladoras. Assange, então, despolitizado, politiza-se e é politizado pelos mesmos agentes que o silenciam politicamente e silenciam crimes de Estado cometidos pelo EUA.

SD5: Julian Assange, cofundador do *Wikileaks*, é preso em Londres após Equador retirar asilo diplomático.

SD6: A Polícia Metropolitana de Londres deteve nesta quinta-feira Julian Assange, cofundador do *Wikileaks*, depois que o Equador cassou o asilo diplomático que lhe oferecia há quase sete anos.<sup>6</sup>

As SDs aqui expostas fazem parte de matéria do Jornal El País, em seu correspondente brasileiro do jornal, o que se pode perceber, assim como nas SDs anteriores, é o silenciamento do político em prol do capital, o qual se dá através da construção de uma cena de representação do político, uma vez que “a lei” e a “diplomacia” se encontram em confronto em tal cena.

Na SD5, temos o título da matéria do jornal, que, através do discurso, constrói uma cena de representação política fundada sob três aspectos: i) Assange ser um dos fundadores do *WikiLeaks*; ii) ele ter sido preso e a retirada do asilo diplomático. Por mais que o jornal deva se mostrar o mais neutro possível no meio do jogo de poderes políticos, o que vemos aqui não é uma neutralidade, mas uma identificação com uma ideologia ligada ao capital, visto que a matéria produz o silenciamento (do) político ao representar a figura de Assange. Ao usar o enunciado “cofundador do *WikiLeaks*”, vê-se a afirmação de um sentido, o qual busca ser cristalizado: Julian Assange não seria um ativista político em busca do livre compartilhamento de informação, mas sim um administrador-proprietário do site, que se impõe acima da lei.

Referente à cena discursiva, vemos Corten (1999) dizer que, nela, são apresentadas as forças que perpassam a sociedade, aqui, o que vemos é a presença da lei e da própria política-diplomacia, o funcionamento dessa representação é a representação do político, sendo que tal

---

<sup>6</sup> Matéria disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/11/internacional/1554975440\\_843068.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/11/internacional/1554975440_843068.html)

embate cria um silenciamento do ativismo de Assange, deixando de lado outros sentidos que poderiam ser construídos no discurso.

Na SD6, vemos um trecho da matéria que desenvolve o apresentado no título da matéria; segundo o jornal, Assange não só perdeu o asilo, mas foi cassado, implicando numa medida drástica contra o ativista. Sabendo da identificação ideológica do jornal, vemos que o léxico escolhido reflete a implicação de uma criminalidade do refugiado. Com “a polícia deteve, Equador cassou o asilo, oferecia há quase sete anos” temos construções que implicam que, após sete anos de refúgio na embaixada equatoriana, Assange foi cassado, retirado de seus direitos concedidos, devido à ação da polícia de Londres que realizou sua prisão. O que percebemos é que há a indicação de que houve um crime por parte de Assange, visto que teve seus direitos cassados, essa repetição faz parte da busca pela cristalização de um sentido: o de que Assange é realmente um criminoso e foi preso pelos seus crimes.

Nesse jogo de possíveis efeitos de sentido, o que vemos é a repetibilidade do discurso buscando fixar uma imagem – e assim, um único sentido relacionado à figura tratada – de criminoso, de alguém que agiu fora da lei e vai pagar por tal ato. O que podemos perceber é que, em todo momento, existe uma retomada da ação policial e da ação política do Equador, fazendo com que tais ações causem o silenciamento (do) político. Podemos ainda perceber que tal construção midiática se encontra diretamente ligada ao silenciamento, o discurso do jornal se inscreve numa FD ligada ao capital, o que permite a referência da imagem de Assange – unicamente – como fundador do *WikiLeaks*, alçando-o ao posto de empresário, de representante do comércio do capital, afastando sua imagem de um ativista político e cidadão comum; a sua imagem agora é relacionada ao do capital, o qual muitas vezes é o vilão dos casos que ocorrem na esfera social, podemos ainda dizer que tal construção busca retomar, pelo viés da memória, a imagem negativa do capital x social.

Vejam, a seguir, os dois últimos recortes, os quais finalizam os blocos de SDs que são aqui analisadas.

SD7: o ministro de Relações Exteriores, Jeremy Hunt, utilizou sua conta no *Twitter* para arremeter contra o fundador do *Wikileaks*: “Julian Assange não é um herói e não está acima da lei. Ocultou-se da verdade durante anos. Obrigado ao Equador e ao presidente Lenín Moreno por sua cooperação com o Ministério de Relações Exteriores para assegurar que Assange enfrente a Justiça”.

SD8: Tudo indica que Assange passará os próximos meses em uma cela de prisão em *Wandsworth*, nos arredores de Londres. A partir daí, o *hacker* permanecerá atrás das grades até que um longo processo judicial seja concluído — os especialistas falam por até dois anos — para decidir se concederá sua extradição para os Estados Unidos.<sup>7</sup>

Na SD7, temos um trecho de um *tweet* do ministro britânico de relações exteriores, Jeremy Hunt, usado como parte da matéria para cristalizar o silenciamento de Assange. No *tweet* do ministro, podemos ver as marcas lexicais de uma ideologia dominante e que, no âmbito do político, remete à fixação de um extremo da realidade como diz Corten (1999), assim, a força se transforma em violência; ao afirmar “Assange não é herói, não está acima da lei, ocultou-se, obrigado por assegurar que enfrente a justiça” vemos o que Corten (1999) chama de efeito de relato:

o efeito de relato modifica o conjunto do sistema de articulação entre os enunciados e as posições dos enunciadores. Nesse sentido, produz aquilo que Faye chama de língua política. [...] O efeito de relato que surge leva não somente ao aparecimento de uma nova topografia – ou seja uma nova disposição das posições (e um jogo de variações em relação às balizas da cena das forças políticas, manifestando-se principalmente por um embaralhamento de relação direita/esquerda) – mas uma nova estrutura das formações discursivas, podendo chegar a modificar o lugar (até mesmo a existência) da própria cena de representação do político. (CORTEN, 1999, p. 47-48)

O efeito de relato se relaciona com efeitos de sentido possíveis, uma vez que predispõe um novo arranjo das formações discursivas e até da cena representativa do político. O que podemos perceber é que tal efeito de relato assume um caráter de poder, de controle, embaralhando as forças e posições políticas, podendo assim trazer um extremo da realidade que se baseia em converter controle em violência. Assim, no momento que o jornal relata tal discurso do ministro, se busca essa variação das forças políticas na cena discursiva; logo, o que é mostrado é que, através do léxico, constrói-se uma imagem de criminoso, novamente silenciando o político de Assange, sendo resguardada a ele a total força da “justiça”, impondo assim, uma “violência desejada” através da punição do suposto crime – uma vez que se deportado para o EUA, Assange pode receber pena de morte. Desse modo, ele não é tido como

---

<sup>7</sup> Matéria disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/11/internacional/1554975440\\_843068.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/11/internacional/1554975440_843068.html)

alguém que lutou para trazer, à esfera pública, dados que eram de interesse de todos, mas sim é visto como um falso herói, que se esconde e acha estar acima da lei, criando um embate entre as forças da lei e da diplomacia, uma vez que retirado seu direito diplomático pode ser preso pelas forças da lei.

Ao retomar Orlandi (2007), vemos que aqui acontece um silenciamento de ordem local, de ordem política: ao ignorar o ativismo de Assange, o jornal apaga seu ativismo através do jogo imagético-discursivo, silenciando o político e buscando criar uma imagem do capital. Tal silenciamento se dá pelo embate das forças políticas que atuam no discurso, criando uma cena de representação, assim, os sentidos são expostos ou apagados em prol da ideologia dominante, fazendo com que os discursos inseridos na FD representante (re)configurem a imagem de Assange como administrador-proprietário em referencial ao capital suprimindo assim, seu ativismo político. Como diz Cazarin (2004, p. 55), “uma característica, que talvez possa ser constante no funcionamento de um discurso do campo do político, é o caráter polêmico de feição marcadamente persuasiva”, o que faz com que, ao invés de um lutador pela liberdade de livre informação, busca-se persuadir os leitores que tenham um anarco-capitalista que age acima da lei.

Na SD8, temos um recorte que representa os momentos finais da matéria do jornal El País, e o que podemos notar nesse recorte é a afirmação/implicação de um segmento de cárcere de Assange. O léxico da SD (re)constrói a imagem de “fora da lei” do ativista, em “Assange passará meses em uma cela, o *hacker* permanecerá atrás das grades, longo processo, extradição” vemos a retomada dessa figura corrupta que está recebendo – ainda que parcialmente – sua punição. Essa caracterização de *hacker*, e, conseqüentemente, alguém ligado ao capital, corrobora no silenciamento (do) político na figura de Assange, o que percebemos é que, ao fim da matéria, já é atribuída uma culpabilidade à sua figura, o que implica na possível construção de sentido: Assange foi preso, por seu hackeamento é culpado, a situação é grave e criará um processo demorado, ele vai ficar na prisão até ser extraditado aos EUA.

É possível ver que a matéria busca a cristalização de um sentido: o de culpa de Assange, assim, como diz Indursky (2013), os discursos se fazem no regime da repetição, assim, podemos compreender que durante toda a matéria existe uma repetição nesse discurso que busca

cristalização desse sentido: Assange não é um ativista político, um cidadão preocupado com o melhor para a nação, nem é um repórter, mas, na verdade, é um *hacker*, dono de uma empresa, ligado ao capital, que buscou desestruturar a ordem governamental/social.

Percebemos que essa construção do jornal apresenta, de fato, uma ideologia ligada ao capital, é o meio pelo qual esse discurso anti-Assange se inscreve e permite tais discursos de culpabilidade, propagando assim a imagem de anarquista do ativista. Através dessa representação, ocorre o silenciamento (do) político acerca de sua figura, o que faz com que o fechamento da cena de representação do político termine com uma implicação de culpa de Assange; assim, tal cena representa a luta diária das forças que percorrem a sociedade, neste caso, a ordem/lei e a liberdade, a lei age a partir de interesses políticos e suprime a liberdade de livre informação.

## 5 Considerações finais

Com base nas análises, percebemos que os efeitos de sentido produzidos nos portais em suas versões online são direcionados e (re)produzem-se como agentes que produzem silêncio sobre a prática política de Julian Assange. Dessa forma, percebemos que, mesmo com as estratégias de neutralidade típicas do domínio jornalístico, como aponta Mariani (1996), há um posicionamento, observado nas entrelinhas que constituem a opacidade do discurso, que aceita imposições estadunidenses. Tal posicionamento pôde ser visto em enunciados como “fundador”, “cofundador”, “*hacker*”, entre outros, em que se produz um sentido de que o ativista é apenas criador-administrador de uma plataforma *online* de veiculação de dados, o que retira dele, na evidência do sentido, toda e qualquer ligação ao político e à política.

A partir dos pressupostos teórico-metodológicos advindos da Análise do Discurso pudemos, relacionando-os à noção de representação do político no discurso, atesta-se que, assim como qualquer outro meio de produção enunciativo-discursiva, o meio jornalístico também é atravessado pela ideologia e, através dela, produz efeitos de sentido vários, de acordo com as condições de produção e as FDs em que os sujeitos, determinados pelas formações ideológicas, se inscrevem. Nesse sentido, nas análises, foi predominante o silêncio (de ordem local) como intrínseco às discursivizações propostas pelos jornais, a partir do qual se fora permitido que o EUA exprimisse controle simbólico sobre o território equatorial.

## Agradecimentos

Agradecemos ao CNPq pelas bolsas concedidas, que permitiram a realização deste trabalho. Além disso, profundamente somos gratos à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fernanda Galli e à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Evandra Grigoletto pelas leituras atentas deste trabalho.

## Referências

CAZARIN, Ercília Ana. **Identificação e representação política**: uma análise do discurso de Lula (1978-1998). 2004. 270f. Tese (Doutorado) – Curso de Doutorado em Estudos da Linguagem, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

CORTEN, André. Discurso e representação do político. *In*: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Os múltiplos territórios da análise do discurso**. Porto Alegre, Sagra Luzzatto, 1999.

FUNDADOR do WikiLeaks, Julian Assange é preso na embaixada do Equador em Londres. FOLHA DE S. PAULO. 11 abr. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/04/fundador-do-wikileaks-julian-assange-e-preso-na-embaixada-do-equador-em-londres.shtml>. Acesso em: 25 Jun. 2019.

GRIGOLETTO, Evandra; NARDI, Fabiele Stockmans de. O jogo entre os interlocutores no gênero entrevista: análise das imagens acerca Papa Francisco. *In*: CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro da; GRIGOLETTO, Evandra; CORTEZ, Suzana Leite (Org.). **Representação dos dizeres na construção dos discursos**. Campinas: Pontes Editores, 2018.

GRIGOLETTO, Evandra; NARDI, Fabiele Stockmans de. Entre a (des)politização e a resistência: o funcionamento dos processos de heroização construídos pela mídia. *In*: VII SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, UFPE, 2015, Recife. **Anais do Sead**. Recife: UFPE, 2015. p. 1-10. Disponível em: <http://anaisdosead.com.br/7SEAD/SIMPOSIO09/EvandraGrigolettoeFabieleStockmansDeNardi.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2019.

INDURSKY, Freda. O trabalho discursivo do sujeito entre o memorável e a deriva. **Signo y Seña**, n. 24, p. 91-104, dez. 2013.

INDURSKY, F. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. *In*: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E. A. (Org.). **Práticas Discursivas e Identitárias**: sujeito e língua. Porto Alegre: Nova Prova Editora, 2008. p. 1-17.

MARIANI, Bethânia Sampaio Corrêa. **Comunismo imaginário**: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB. 1996. 259f. Tese (Doutorado) – Doutorado em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

MIGUEL, Rafa de. Julian Assange, cofundador do Wikileaks, é preso em Londres após Equador retirar asilo diplomático. **El País**, 11 abr. 2019. Disponível em:

[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/11/internacional/1554975440\\_843068.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/11/internacional/1554975440_843068.html) Acesso em: 25 Jun. 2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. *In*: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014. p. 61-161.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso – uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

Recebido em: 30.09.2019

Aprovado em: 27.02.2020